

Do cuidar, educando: revisitando João dos Santos¹

Justino Magalhães

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

justinomagalhaes@ie.ul.pt

Resumo

João dos Santos foi professor de Educação Física, vindo posteriormente a cursar Medicina e a especializar-se como Pedopsiquiatra. A obra de João dos Santos é inseparável da vida, que nele é enlace e acção. Vivendo e contando com estímulo e ajuda, a criança desenvolve-se, forma-se, educa-se em si própria. A educação é um processo de vida e só vivendo se realiza. A intencionalidade pedagógica prolongou-a João dos Santos na formação dos técnicos que com ele trabalhavam: os de saúde mental, os educadores, os professores. Mas para João dos Santos a intencionalidade pedagógica é também compromisso social e desiderato de democracia. Educar e curar formam um mesmo binómio, que remete para um paradigma conectivo. A aproximação à pedagogia institucional foi, em João dos Santos, uma base para a reeducação. A instituição gera um *em* e um *entre* de comunicação; permite o (re)encontro e a realização; desafia à criatividade e à participação. A instituição (re)faz. Pensar o legado de João dos Santos é reconhecer o prestígio e o mérito científico-humanitário da sua vida e obra.

Palavras-chave: Pedagogia terapêutica; cuidar, educando; paradigma conectivo

1. Sempre que regresso à obra de João dos Santos, faço-o com um mesmo constrangimento: como sistematizar o racional complexo e multifacetado da obra escrita de João dos Santos?

A obra de João dos Santos é inseparável da vida, que nele é enlace e acção. Nesta obra, a vida é razão de ser da pessoa humana e é o enigma para a pedagogia terapêutica. O sujeito é relação entre educação e vida. A vida (vida interior, vida

¹ Este texto foi elaborado quando do Centenário de João dos Santos e está publicado em <http://joaodossantos.net/contributos/do-cuidar-educando-revisitando-joao-dos-santos/>

internato, vida-recordação, vida social) é de cada um; ela é condição e produto de relação e interacção, confluência, congruência. João dos Santos cultivou e defendeu uma intencionalidade e um sentido pedagógicos centrados na vida. A saúde (física e mental) é condição de vida. A vida é saúde e a saúde é vida. Vivendo e contando com estímulo e ajuda, a criança desenvolve-se, forma-se, educa-se em si própria. A educação é um processo de vida e só vivendo se realiza. Só vivendo, a criança como o adolescente ou o adulto previnem e preparam o futuro. Educar é educar-se; educar é dar-se como modelo, a si e a outros. A intencionalidade pedagógica prolongou-a João dos Santos na formação dos técnicos que com ele trabalhavam: os de saúde mental, os educadores, os professores. Mas para João dos Santos a intencionalidade pedagógica é também compromisso social e desiderato de democracia.

No fundamental, a problemática da criança é a da sobreposição entre educação e vida. Como aceder à verdade pessoal, desde logo à da criança, é o desafio maior da psicanálise. Mas, adverte João dos Santos, “a teoria e a prática psicanalítica podem interpretar os fenómenos educativos, mas não orientá-los. As teorias estranhas à pedagogia não devem, não podem inspirar a práxis educativa” (Santos, 1983, p. 180). A psicanálise desvenda segredos e procura compreender as fantasias, convertendo as simbologias de cada um em signos. A vida é campo relacional e a educação abre lugar ao modelo de relação e transformação autonómica, que é a preservação dos segredos de cada um. Como afirma em “A Casa da Praia. O Psicanalista na Escola” (in Branco, 2000, p. 115), a aproximação terapêutica à criança deve permitir avaliar “o contacto humano a que a criança se presta e compreender o que nas suas histórias ou nas suas fantasias ela entende da vida e do mundo”. É preciso que os educadores observem a criança, antes de lhe ensinarem o que estabeleceram nos seus planos, e é preciso que a deixem evoluir.

2. João dos Santos foi professor de Educação Física, vindo posteriormente a cursar Medicina e a especializar-se como Pedopsiquiatra. Frequentemente, fez uso do termo *reeducação* para referir a intervenção junto de crianças com perturbações de desenvolvimento. Educar e curar formam um mesmo binómio, que remete para um paradigma conectivo. Falando de “A Família e o Insucesso Escolar” (in Branco, 2000), João dos Santos dá a conhecer, de forma crítica e justificada, a imbricação entre a formação e a vida profissional:

(...) a minha carreira de pedopsiquiatra, dedicada a crianças que sofrem e à prevenção daquelas que correm o risco de se perturbarem, a minha actividade de psicanalista, que se pode definir como aquele que procura reconciliar o homem com a criança que nele existe, testemunham um interesse básico pela pedagogia e pela educação física, que me foi despertado pela atitude educativa de meu pai e pelo ensino e amizade de Leal de Oliveira e Júlio de Matos. (p. 43)

Em “A Caminho de uma Utopia” (in Branco, 2000, p. 44), João dos Santos recorda que, em 1940, no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, se iniciou, com Vítor Fontes, em psiquiatria infantil, especialidade que se mantinha muito próxima de uma “médico-pedagogia”, tal como tinha vindo a ser praticada desde final do século XIX e fora legada por Aurélio da Costa Ferreira. Naquele Instituto, João dos Santos fez diagramas, elaborou projectos, inventou organismos coordenadores. O Instituto estava legitimado para observação, diagnóstico, tratamento e reeducação de crianças e adolescentes que manifestavam anomalias psíquicas. João dos Santos partilhava, então, com outros psiquiatras, o princípio geral de que as dificuldades de adaptação das crianças estariam correlacionadas com perturbações endócrinas e de metabolismo. No Instituto Aurélio da Costa Ferreira, a “médico-pedagogia” foi dando oportunidade à psiquiatria infantil, ainda que inspirada na psiquiatria dos adultos.

Foi pelas obras de Freud, Wallon, Gesell e Piaget que João dos Santos acedeu a uma psiquiatria infantil. A sensibilidade educativa e a intencionalidade pedagógica que o haviam conduzido a ser professor de Educação Física, e que sempre o mantiveram atento à Escola e ao meio educativo da escolaridade, tinham-no despertado para a Escola Moderna, quando, cursando Medicina em Coimbra, conheceu Álvaro Viana de Lemos (ao tempo, ali professor da Escola do Magistério Primário). Mas foi com Maria Amália Borges de Medeiros que, entre finais dos anos 50 e início dos anos 60, viu efectivamente implementados os princípios pedagógicos de Freinet – o da Cooperativa Escolar, e o do Jogo e do Trabalho, que fundamentam a Escola Moderna centrada na Pedagogia Activa. Maria Amália Borges de Medeiros (1975) defendia que

(...) felicidade autêntica é igual a realização de si próprio. Educativa é aquela aprendizagem que implica o indivíduo na acção de tal forma que esta última é desejada e amada e conduz à criação, ou seja à integração, do eu no mundo e à transformação recíproca do mundo pelo eu e do eu pelo mundo. (p. 10)

Com Maria Amália, quer na Escolinha da rua Maria (aos Anjos), quer no Centro Helen Keller, João dos Santos viu cultivado aquele princípio. Neste Centro, João dos Santos e Sérgio Niza prosseguiram uma intensa colaboração.

João dos Santos reconheceu que, ao longo da sua carreira de psicanalista, foi sobre a neurose de angústia que acumulou mais informação. No entanto, como esclarece em “A contribuição da Psicanálise para a Saúde Pública” (cf. Branco, 2000, p. 48), foi a partir dos anos 50, quando já havia iniciado a psicanálise de jovens, que melhor se apercebeu que os doentes, mais do que o tratamento dos sintomas, requeriam que lhes tratasse a própria pessoa. E como João dos Santos sempre tinha centrado a atenção no normal e não no patológico, a passagem da psiquiatria para a psicanálise não foi para ele uma grande mudança. Também o acesso ao mundo infantil lhe vinha sendo habitual, pois que, como informa em “A Casa da Praia. O Psicanalista na Escola” (in Branco, 2000),

Quando, no fim dos anos quarenta, me iniciei como psicanalista de crianças, aprendi a compreender os movimentos, os gestos e o comportamento como formas de exprimir o que de mais fundo havia na sua mente, quer dizer, o conteúdo latente dos seus discursos ou dos seus actos. (p. 47)

Distinguindo os dois momentos dessa transmutação na atitude terapêutica, tal como João dos Santos a observou, deve-se-lhe o seguinte testemunho: “Dantes tudo se passava como se o psiquiatra dissesse: eu sou diferente de ti, eu sou normal, tu anormal; eu sou consciente, tu és louco” (in Barros, 1999, p. 44). Mas, prosseguia, tal como ele a tinha vindo a praticar, a relação com os pacientes assentava numa outra atitude: “Eu não posso descobrir em ti o que há de neurótico ou louco, mas o que pode haver de comum entre nós como seres humanos”.

3. João dos Santos assumiu a pedagogia terapêutica como modalidade em que a arte de curar e a arte de educar se cruzam.

Dois princípios em que fundamenta aquela convicção, e que expõe na Comunicação “Pedagogia Terapêutica” (cf. Barros, 1999), são colhidos em Montessori. O primeiro é o exemplo constituído pela própria pedagogia montessoriana que, com grande êxito, tinha aplicado a crianças normais os métodos que, entretanto, tinham tido êxito excepcional com crianças inferiorizadas (p. 97). Um segundo princípio é o da articulação entre psicologia experimental e pedagogia:

A psicologia deve enriquecer-se com a experiência pedagógica como a pedagogia com a psicologia. O psicólogo deve estudar a criança no seu meio natural e não na situação artificial de laboratório. O trabalho que se propõe à criança não é fecundo se não corresponder a uma necessidade do seu desenvolvimento. (p. 102)

Um dos aspectos que distingue esta pedagogia terapêutica da pedagogia tradicional reside em tomar como referência a “fase de comunicação” em que cada criança se encontra. Para permitir uma comunicação directa, podem ser utilizados modos que a escola tradicional não pratica. Tomar como referência, para a organização pedagógica, a fase de comunicação em que a criança se encontra permite a inserção no grupo e a adaptação ao processo de aprendizagem. Ressalvou, todavia, João dos Santos, na Comunicação “Pedagogia Terapêutica” (cf. Barros, 1999), que a pedagogia terapêutica não deve ser directiva na observação, posto que deverá processar-se no decurso da livre experiência pedagógica, “mas deve ser directiva quanto às decisões e intervenções didácticas. Intervém durante o tempo estritamente necessário para que a criança se possa integrar (totalmente) na escola regular. É preferencialmente uma forma de intervenção em grupo” (p. 103). Tal como foi implementada no Centro de Pedagogia Experimental – Casa da Praia, o modelo da Pedagogia Terapêutica “sintetiza a perspectiva clínica, a compreensão psicológica, a aplicação pedagógica e a educação familiar” (p. 104). Reitere-se que esta pedagogia dá curso ao paradigma conectivo atrás referido.

Em várias reflexões e textos, João dos Santos referiu-se à instituição, designadamente à instituição educativa, como meio para cumprir a pedagogia terapêutica. A instituição é condição de educação. A Casa da Praia, fundada em 1975 e de que João dos Santos foi Director até 1987 (ano em que faleceu), cultivava uma pedagogia institucional, sob a modalidade de cooperativa educacional. Na pedagogia-cooperativa, contribuindo com ideias, colaborando nas tarefas e participando nos grupos, o educando transforma-se e realiza-se enquanto pessoa. Esta experiência pedagógica conecta três verbos: idealizar, comunicar, realizar. Incansável defensor da intervenção precoce, frequentes vezes João dos Santos se refere à educação como reeducação.

A aproximação à pedagogia institucional foi, em João dos Santos, uma base para a reeducação. A instituição gera um *em* e um *entre* de comunicação; permite o (re)encontro e a realização; desafia à criatividade e à participação. A instituição (re)faz. A instituição dá curso à equipa interdisciplinar. A naturalidade educativa, por parte de familiares e da comunidade, não perfaz a intencionalidade pedagógica. Na sociedade contemporânea, essa intencionalidade envolve também profissionais de educação.

A escola, como instituição educativa, mereceu repetidas vezes a atenção de João dos Santos, que a tomou como regularidade e como integrante do processo histórico e sociocultural contemporâneo. E se, em tempos, se havia referido à Escola Primária como “instituição destinada a corrigir nas crianças o vício impertinente de lerem na Natureza, nas pessoas e nas coisas”, veio, anos mais tarde, a referi-la como “instituição destinada a *estimular* nas crianças o gosto pelo saber que adquiriram no contacto com a Natureza, as pessoas e as coisas, e a *ensinar* a utilização dos métodos de registo do conhecimento” (Santos, 1983, p. 74).

Curar, educando, e educar, prevenindo e realizando – eis o desdobramento do binómio vida e educação. A resultante é uma integração, que a análise, a comunicação e a participação permitem partilhar e refazer. Neste sentido, o mapa vital pessoal, como os mapas comunitário, urbano, humanitário são reescalamentos daquele núcleo de integração, inteligência, comunicação, participação. Saúde e actividade (jogo e trabalho), simbolização e linguagem, comunicação e discurso, liberdade e democracia, são elementos e factores de um mesmo complexo racional, sociocultural, político. Segundo João dos Santos, a preocupação em apoiar a criança e também os pais, levando-os a participar nas instituições, não poderia ser desintegrada de uma continuada inquietação, ditada “por uma ideologia de solidariedade social (...) e pelo dever de projectar os conhecimentos e técnicas para além do campo estrito das obrigações profissionais. Eram tarefas políticas” (*apud* Barros, 1999, p. 45). Num tempo em que não era mais possível refazer o *habitat* familiar com as valências de instância educativa que respondessem à complexidade e às condições de vida, toda a sociedade deveria estar envolvida na educação infantil. Assim, para João dos Santos, educação é desafio comunitário, é responsabilidade social e política.

É através da comunidade que a sociedade pode assegurar essa educação. Reiterava com frequência João dos Santos a ideia que, do ponto de vista sociopolítico, não lhe parecia “possível o estabelecimento de um plano de acção educativa para a infância – normal ou deficiente – sem a participação activa e generalizada da comunidade” (in Barros, 1999, p. 47). Num outro passo, dirá que “na sociedade moderna os pais perderam a espontaneidade para educar, é necessário encontrar novas formas de envolver, criar e educar as crianças” (*apud* Barros, 1999, p. 48). Deste modo, na participação da comunidade residiriam uma congruência e uma democratização da intervenção junto da infância, que as estruturas tradicionais não podiam assegurar

sozinhas. Tratava-se, afinal, e em meu entendimento, do primado da vida, uma vida comunitária como integração regular e equilibrada da criança no meio.

João dos Santos soube converter a educação em problema e a vida em campo de realização. Pensou a criança, o adolescente, o adulto, como um todo. E do todo educativo fazem parte os núcleos familiares de base, as instituições educativas, as comunidades, as cidades, enfim, a humanidade.

O paradigma de conexão, a que atrás me referi, é o que melhor respeita a simetria e o que mais valoriza a intervenção qualificada de cada um dos participantes na educação. A educação é, provavelmente, o problema maior das sociedades contemporâneas e, como tal, não pode ser entregue inteiramente a instâncias primárias. A educação é problema, desafio e tarefa pessoal, social, político, institucional. João dos Santos soube congrega em equipa cientistas, profissionais de educação, representantes dos organismos sociais e políticos, administradores e políticos. A todos escutou e deu voz, a todos ensinou a saber observar. E observar-se e ser autêntico é entregar-se como exemplo, é realizar-se como pessoa.

4. Em tempo de efeméride, pensar o legado de João dos Santos é reconhecer o prestígio e o mérito científico-humanitário da sua vida e obra. Mas é também estudar e reinterpretar a contemporaneidade e a complexidade que deram sentido e forma à sua obra, em cada fase da vida.

Os cientistas não poderão deixar de se confrontar com a inquietação interior e os desígnios de aprendizagem com que João dos Santos leu e reelaborou os grandes princípios fundadores da Psicanálise, como instituiu os seus mestres, como congregou tais apropriações com a vida e com a acção médico-pedagógica, superando as diferentes escolas – assim a psicanalítica, a organicista, a constitucional. Aos cientistas, fica, portanto, o desafio de compreender e explicar a tenacidade e argúcia de João dos Santos, na arte de analisar e problematizar, bem assim como o repto de clarificar a autenticidade com que se interrogou e comunicou o pensamento e o conhecimento.

Aos pedagogos e aos profissionais da cura e da reeducação, João dos Santos legou exemplos da sagesa com que constituiu e orientou equipas interdisciplinares, bem como da lucidez com que implementou a reactualização pedagógica, cultivando, com

mestria, as modalidades de cooperação e seminário, e dando substância e sentido à função instituinte da educação.

Aos educadores em geral, aos políticos, aos agentes de poder, João dos Santos deixou a inquietação de que a criança, o ser humano, não se realizam senão vivendo: vivendo em saúde, beneficiando de estímulos ambientais e socioculturais favoráveis, sendo ensinados e ajudados, participando com liberdade, criatividade e de forma responsável.

Pela vida e pela obra de João dos Santos passa o que de mais valioso caracteriza o século XX. João dos Santos construiu e cultivou, de forma ímpar, a escrita da educação como campo interdisciplinar; soube fazer da educação um problema, senão mesmo o principal problema da sociedade actual. A leitura da sua obra desafia cientistas, pedagogos, políticos, mas é também uma recriação e um manancial de saberes, dizeres e saberes-fazer educativos, que interessam a um vastíssimo público.

João dos Santos deixou uma obra de relevância nacional e internacional. Há nas efemérides uma componente afectiva, uma componente institucional, uma componente de divulgação e intervenção assinaladas e perpetuadas nos seus discípulos. Estas componentes compõem uma memória colectiva e fazem jus ao testemunho e à modelação cívica e humanística.

Creio que o Centenário do Nascimento de João dos Santos é a oportunidade para que o legado científico seja estudado de forma exaustiva, criteriosamente organizado e divulgado. Continua em aberto o estudo sistemático e crítico da obra de João dos Santos, designadamente, na relação com o seu tempo; no que dela permanece como revitalizador para o tempo actual. Em João dos Santos, a vida congregou e fez do pensamento, da formação, da acção médico-terapêutica, enfim, da Obra, um todo coerente. João dos Santos deu sentido a um paradigma conectivo que congrega saúde, educação, sociedade, no encontro que é a vida e numa realização que é a pessoa.

Para a criança, em particular, a família, a escola e a sociedade são as instâncias que tornam possível e dão sentido à relação entre vida e educação. Aí começa a experiência vivida de cada um. Há um gesto pedagógico que encontro simbolizado na vida e na obra de João dos Santos, que é o de *dar a mão*, que é como quem diz, cuidar, educando. Por mim, quis testemunhar uma vez mais a nobreza que esse gesto congrega.

Referências bibliográficas:

Barros, Eulália (1999). *Andar na Escola com João dos Santos. Pedagogia Terapêutica*. Lisboa: Caminho.

Branco, Maria Eugénia Carvalho e (2000). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Magalhães, Justino (2000). Prefácio. In Maria Eugénia Carvalho e Branco. *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte; pp. 9-13.

Medeiros, Maria Amália (1975). *As Três Faces da Pedagogia* (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Santos, João dos (1983b). *Ensaios sobre a Educação II – O Falar das Letras*. Lisboa: Livros Horizonte.